

América Latina conquista projeção mundial na pesquisa em comunicação

JOSÉ MARQUES DE MELO

(Diretor Científico da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional/Universidade Metodista de São Paulo)

A cada dois anos, a comunidade de cientistas da comunicação reúne-se em congresso mundial para avaliar as tendências da pesquisa na área. Dele participam estudiosos vinculados principalmente às escolas de comunicação mantidas pelas universidades, mas também pesquisadores contratados pelas indústrias culturais, governos e ONGs.

Promovido pela International Association for Media and Communication Research - IAMCR - o evento vem se realizando periodicamente desde 1957, quando a própria entidade foi criada em Paris, sob a égide da UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

O último congresso foi realizado em Sidney, Austrália, no período de 19 a 23 de agosto de 1996, contando com a presença de representantes de 44 países de todos os continentes. A delegação majoritária era procedente da própria Oceania (64 cientistas da Austrália, Nova Zelândia e West Samoa), vindo logo a seguir a América do Norte (64), a Europa Ocidental (56) e a Ásia (52). Os contingentes menos numerosos provieram da Europa Nórdica (38), América Latina (24), África (15), Oriente Médio (13) e Europa do Leste (13).

O Foco dos Debates

Tendo como tema central *Shifting Centers*, o congresso da Austrália focalizou os deslocamentos temáticos e metodológicos que se efetuam no âmbito das ciências da comunicação, neste final de século. Apesar de mais de três séculos de tradição universitária (a primeira tese de doutorado em jornalismo foi defendida na Universidade de Leipzig em 1690), as ciências da comunicação somente ganharam legitimidade social na segunda metade do século XX. Mas o crescimento vertiginoso da mídia e as bruscas alterações do seu papel sócio-político impuseram constante vigilância aos pesquisadores da área no tocante aos paradigmas científicos de que se valem para explicar a interação simbólica que se dá entre os cidadãos.

Em cada congresso bienal, e até nas conferências extraordinárias, os cientistas da comunicação fazem um balanço das suas conquistas teóricas, mas não deixam de revisar criticamente os problemas de natureza

empírica que se interpõem na descrição e interpretação dos fenômenos midiáticos.

O congresso de Sidney privilegiou dois objetos cruciais nesta conjuntura globalizadora: os *direitos humanos* e as *culturas indígenas*. O foco dos debates esteve concentrado na responsabilidade dos pesquisadores em agendar temas científicos capazes de contribuir para que os sistemas midiáticos preservem o direito das majorias ao bem-estar e ao progresso, mas não descuidem dos direitos das minorias para preservar suas identidades culturais, num ambiente marcado pela diversidade e pelo pluralismo.

Duas outras questões também mobilizaram o interesse dos congressistas. De um lado, o protagonismo da UNESCO nesta fase pós-guerra-fria, superando o radicalismo retórico do movimento McBride, mas preservando as suas utopias. De outro lado, uma revisita à corrente denominada *comunicação crítica* para identificar sua persistência numa época em que fenecem os maniqueísmos, cabendo-lhe função bem mais positiva ou construtiva e bem menos negativa ou militante.

Liderança Brasileira

Desde o início da década de 90, o Brasil desponta no cenário internacional pela sua potencialidade como país produtor de pesquisa em comunicação. Isso decorre da existência, em nosso território, de uma indústria midiática, vasta e de boa qualidade, com visibilidade externa pela exportação de produtos ficcionais, além de uma rede de escolas de comunicação ancorada em mais de uma centena de universidades, incluindo uma dezena de cursos de pós-graduação.

Apesar de haver participado, através de pioneiros como Danton Jobim e Freitas Nobre, respectivamente da criação e sedimentação da sociedade mundial que congrega os cientistas da comunicação, durante muito tempo o Brasil esteve ausente ou escassamente representado nos congressos internacionais. Uma justificativa está na conjuntura em que a pesquisa em comunicação aqui floresceu. Dominava o período autoritário pós-64 e somente podiam transitar nos foros internacionais os pesquisadores bem vistos pelo regime militar ou os cientistas exilados no exterior.

A partir do congresso da IAMCR em Barcelona, 1988, o Brasil começou a exibir internacionalmente sua produção mais significativa. No congresso de Bled, Eslovênia, em 1990, adveio uma surpresa: a delegação brasileira ocupava o 3.º lugar no *ranking* dos *papers* selecionados pelo comitê de *referees*. Precediam-nos dois países dotados de tradição nessa área: Estados Unidos e Inglaterra. Isso motivou a assembléia da IAMCR a decidir que a sede do próximo congresso da entidade seria no Brasil. Queriam as lideranças mundiais observar *in loco* as nossas potencialidades, dialogando com os cientistas brasileiros da comunicação.

Guarujá e Seul

O congresso de 1992 realizou-se em Guarujá-SP, sob o patrocínio da USP e o apoio de um *pool* de agências governamentais e de empresas privadas. A conferência de abertura foi realizada pelo cientista político, então senador da República, Fernando Henrique Cardoso, que impressionou os visitantes dos demais países pela sofisticação de sua análise dos fenômenos midiáticos na encruzilhada de um mundo novo em construção. Nesse momento, ficou patenteada a liderança brasileira no ranking mundial dos países produtores de pesquisa em comunicação. Mantida a vanguarda incontestável dos Estados Unidos, superamos o volume da participação britânica, ocupando o 2.º lugar na lista dos *papers* selecionados. Tanto assim que quatro brasileiros foram eleitos para o *board* da associação, exercendo mandatos durante o quadriênio 92/96. Infelizmente o avanço do Guarujá foi amortizado no encontro seguinte.

No congresso de Seul, Coréia, 1994, em plena recessão científica da era Collor/Itamar, apenas três cientistas brasileiros compareceram ao evento, financiados com recursos privados ou estaduais. Mais do que desestímulo governamental, a presença insignificante dos pesquisadores brasileiros na Ásia traduziu o desalento que se abateu sobre toda a comunidade científica, num período de baixa auto-estima, efeito do quase desmonte da engrenagem acadêmica nacional.

Sidney/96

Superada aquela conjuntura desfavorável e navegando na estabilidade econômica pós-Real, a comunidade brasileira de pesquisadores da comunicação pôs-se em brios e preparou-se para o congresso de Sidney. Estimulados pela INTERCOM, os jovens cientistas inscreveram seus trabalhos em pé de igualdade com os estudiosos renomados. O resultado foi positivo. O Brasil teve 16 *papers* selecionados pelos comitês de *referees*, incluindo-os na programação científica a ser debatida pelos participantes reunidos na Austrália.

Estava evidente a hegemonia brasileira no cenário latino-americano. O total de *paper* procedentes do sub-continente era de 24, cabendo ao Brasil 75% dessa contribuição. A presença dos demais países da região foi a seguinte: México (3), Argentina (2), Colômbia (1), Uruguai (1) e Venezuela (1).

Mas confirmou-se também a retomada da liderança brasileira no *ranking* mundial. Do total de trabalhos (337) referendados pelos comitês de seleção, a vanguarda coube à Austrália, país-sede, vindo, logo a seguir: EUA, Brasil, Alemanha, Índia e Noruega.

Ciências da Comunicação Ranking Mundial/96

País	Classificação	Número de Papers
Austrália	1.º	59
Estados Unidos	2.º	51
Brasil	3.º	16
Alemanha	4.º	15
Índia	4.º	15
Noruega	5.º	14
França	6.º	12
Canadá	7.º	11
Dinamarca	7.º	11
Inglaterra	7.º	11
África do Sul	8.º	10
Finlândia	8.º	10
Coréia do Sul	9.º	09
Malásia	10.º	08

Diversidade Nacional

Uma faceta importante da presença brasileira em Sidney foi a diversidade exposta à comunidade internacional, projetando quatro regiões (sudeste, nordeste, centro-oeste e sul) e nove instituições produtoras de conhecimentos no âmbito das ciências da comunicação. A maior participação adveio das universidades que possuem cursos de pós-graduação: quatro *papers* vieram da USP, três da Metodista de São Paulo, dois da UFRJ, dois do Instituto Superior de Comunicação Publicitária/SP, um da Federal Rural de Pernambuco, um da PUC-RS e um da UnB. Entretanto, duas universidades nordestinas, que oferecem apenas cursos de graduação, também lograram o reconhecimento internacional: a Federal de Sergipe e a Estadual da Bahia inscreveram um *paper* cada uma.

Hegemonia Latina

Antes do congresso de Sidney, a IAMCR elegeu, por voto direto dos seus associados, a nova diretoria da associação para o quadriênio 1996-2000. O resultado da eleição foi anunciado na assembléia geral dos sócios, no penúltimo dia do congresso.

No novo comitê executivo da IAMCR há uma forte presença latina, consubstanciada pela eleição do novo Presidente - Dr. Manuel Parés i Maicas (Espanha) - dois vice-presidentes: Prof.^a Carmen Gomez Mont (México) e Dr. Michael Palmer (França). A estes podem ser acrescentados dois cientistas pertencentes à comunidade anglo-saxã, mas intelectualmente

identificados como *Latinoamericanists*: a Dr.^a Elizabeth Fox (EUA) e o Dr. John Sinclair (Austrália).

Do conselho internacional da entidade participam seis latino-americanos. Do México, foi eleita a Prof.^a Burkle, da Universidade Iberoamericana. Da Colômbia, a Dr.^a Gladys Hernandez Daza, da Universidade Javeriana em Bogotá. Do Peru, o Prof. Javier Protzel, da Universidade de Lima. Os brasileiros são cientistas da nova geração, que despontam como lideranças promissoras. Além da Dr.^a Margarida Kunsch (USP) e do Dr. Jacques Weinberg (PUC-RS), foi eleito o Dr. Dov Shinar, brasileiro radicado em Telaviv, Israel, onde dirige a New School for Media Studies.

97: Oaxaca e Santos

No próximo ano, a IAMCR promove no nosso continente duas reuniões internacionais. Em julho, será realizado no México, na cidade de Oaxaca, no período de 4 a 7 de julho, a conferência extraordinária da associação, que vai debater o impacto das telecomunicações na sociedade globalizada. Na ocasião, será celebrado o 40.^o aniversário da associação, com uma sessão especial de homenagem aos seus fundadores, dentre os quais o francês Fernando Terrou, o norte-americano Raymond Nixon e o suíço Jacques Bourquin. O evento está sendo organizado pela vice-presidente, Carmen Gomez Mont.

Os interessados em participar da reunião podem solicitar informações ao Departamento de Comunicação da Universidade Iberoamericana - Prolongacion del Paseo de la Reforma, 880 - Mexico, DF 01210. Fax: 52-5-292-2891. E-mail: cgomez@hermes.uia.mx.

Em setembro, será realizada, na cidade de Santos, São Paulo, Brasil, o IV Encuentro Iberoamericano de Ciencias de la Comunicación. Trata-se de evento promovido conjuntamente pela IAMCR, em parceria com a ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación - e a INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. O IV IBERCOM faz parte do megaevento INTERCOM'97 que celebra os 20 anos de fundação da associação brasileira, estando previsto para os dias 1 a 3 de setembro, no campus da UNISANTOS - Universidade Católica de Santos. Se quiserem estender sua estadia no Brasil, por mais três dias, os participantes desse encontro poderão comparecer ainda aos congressos integrados (Brasil/Mercosul): XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação e I Congresso de Ciências da Comunicação do Mercosul. Informações sobre o megaevento INTERCOM'97 podem ser obtidas no seguinte endereço: Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Bloco A - Sala 1 - Cidade Universitária - 05508-900 - São Paulo-SP - Brasil. Fax: 55-11-818-4088. E-mail: immaco@usp.br.

Glasgow/98

Se os eventos de 97 confirmam a projeção latino-americana no cenário mundial, espera-se que em 98 os cientistas da América Latina com-

pareçam ao XXI Congresso da IAMCR, previsto para a cidade de Glasgow, Inglaterra. Trata-se de uma oportunidade excepcional para que os pesquisadores da região possam submeter à comunidade internacional os resultados das pesquisas que aqui estão sendo produzidas. Temos inúmeros grupos de pesquisa funcionando principalmente na Argentina, Uruguai, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Venezuela, Panamá, Costa Rica, Cuba e México. Trata-se agora de emular essa nova geração de pesquisadores a sair dos limites regionais ou nacionais em que muitas vezes interagem, estimulando-os a comparecer ao principal fórum mundial das ciências da comunicação. Desta maneira, a América Latina poderá continuar fazendo jus ao reconhecimento internacional que tem sido um dos fatores a impulsionar o trabalho acadêmico em todo o continente.

As informações sobre o congresso de Glasgow poderão ser obtidas na sede principal da IAMCR: The American University - School of International Service - International Communication Program - At. de Hamid Mowlana - Washington, DC 20016, USA. Fax: 1-202-885-2494. E-mail: mowlana@american.edu.